

HISTÓRIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS DORES

A Igreja das Dores, com 80 anos, apresenta uma rica e bela história, à semelhança de outras que se construíram à força da fé e da devoção particular e coletiva.

As gerações mais novas que passam, ou residem no bairro de Otávio Bonfim e adjacências, e olham a igreja com a habitualidade com que os olhos se acostumaram, ignoram a história do templo e de como ele nasceu para servir de guia àquele antes atrasado e inexpressivo meio.

Pretendemos contar um pouco desses fatos para os jovens que amam a sua cidade, mas desconhecem, à falta de maiores dados, o início das coisas que vêm e admiram. Afinal o amor não é fruto do grande conhecimento ou só se ama verdadeiramente bem aquilo que bem se conhece?

Recuemos 80 anos no tempo. Vamos assistir ao lançamento da pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora das Dores, que sucedia à antiga capela de São Sebastião levantada na praça a que deu seu nome, depois soerguida na antiga Estrada do Gado, hoje rua Dr. Justiniano de Serpa.

É uma primeira sexta-feira de 1º de março de 1929. o local está apinhado de curiosos, de gente humilde das redondezas, que aguarda a chegada das autoridades. Bandeirinhas fincadas em postes dão um tom festivo ao ambiente.

De um lado, pilhas de tijolos indicam que a obra terá início em breve.

Para a cerimônia vão chegando, além do monsenhor Antônio Tabosa Braga, vigário da freguesia de Nossa Senhora do Carmo e vigário geral da Arquidiocese, representantes dos R. R. P. P. capuchinhos, lazaristas, jesuítas, irmãos maristas e do Seminário Maior, representantes do governador e do prefeito. Todos aguardando, ansiosos, a chegada do excelentíssimo reverendíssimo senhor arcebispo metropolitano do Ceará (assim se escrevia naquela época), Dom Manoel da Silva Gomes, a quem caberá benzer solenemente a primeira pedra da Igreja de Nossa Senhora das Dores e a do Convento de São Francisco de Assis, conhecido posteriormente e popularmente, por Convento de Santo Antônio. A banda da Polícia executa dobrados em honra dos festejos. “Numa caixa-forte colocada ao lado do poente, debaixo da porta principal, um metro abaixo do nível do chão, ficaram depositados: o documento com as assinaturas, atestando a solenidade da colocação da primeira Pedra, os jornais do dia e diversas moedas. Da mesma forma está na esquina do sobrado do Convento, ao lado poente, a caixa-forte com os documentos que se relacionam ao ato da primeira bênção da Primeira Pedra do Convento”. (Livro de Tombo, nº 1).

DOS DOADORES

Todos sabem e comentam, até muito depois, que a Igreja das Dores e o Convento de São Francisco foram frutos, principalmente, da obra caritativa e de grande zelo de Dom Manuel da Silva Gomes que envidou todos os esforços para

a vinda dos franciscanos menores para Fortaleza, inclusive fazendo-lhes a doação gratuita “*in perpetuum*” de extensa área medindo 110m x 100m, ou quinhentos palmos sobre quatrocentos e cinqüenta palmos, para a construção da igreja e do convento anexo. Também não esquece a figura excepcional de Dom Antonio Xisto Albano, bispo de Bettisaida, de santa memória, o qual deixou legado de trinta contos de réis em testamento para emprego em alguma obra pia ao alvitre do Sr. Arcebispo de Fortaleza que achou por bem utilizá-la na construção do referido convento.

“Esta quantia, acrescida dos juros no valor de Cr\$ 16.000\$000 (dezesseis contos de réis) foi, pela livre e espontânea vontade de S. Excia. Revma. Snr. Manoel da Silva Gomes, destinada à construção do convento e somada com a fornecida pela Província (34.777\$000) trinta e quatro contos, setecentos e setenta e sete mil réis estipulada pela firma construtora Odebrecht e Companhia, domiciliada em Recife, Pernambuco, representada pelo Snr. Dr. Engenheiro Civil Armando da Paixão Carneiro Campello e João Ignácio Cabral de Vasconcelos Filho. Aos vinte de fevereiro de mil novecentos e vinte e nove, o Snr. Arcebispo, D. Manoel da Silva Gomes com os mesmos snrs. Arquitetos referidos assinaram a construção da igreja de N. Senhora das Dores, orçada em cento e cinquenta contos, setecentos e setenta e sete mil réis (150.777\$000), de cimento armado, como bem a do convento” (Tombo, nº 1).

O outro benemérito da construção do templo dedicado a Nossa Senhora das Dores foi monsenhor Liberato Dionysio da Costa, protonotário apostólico, grande devoto de Nossa Senhora das Dores, o qual, dos seus proventos e trabalhos, ofereceu ao Revmo. Snr. Ordinário Arquidiocesano a doação de oitenta contos de réis a que ajuntou, ao correr da construção, mais dois contos de réis, “de sorte que o Snr. Arcebispo teve de completar a quantia contratada com sessenta e oito mil, setecentos e setenta e sete mil réis”.

O BILHETE DO MONSENHOR

Descrevendo o mistério da oferta de 80 contos de réis, conta o monsenhor que há anos, ainda simples padre, foi interpelado pela Sra. D^a Virgínia Salgado, zeladora da Confraria de Nossa Senhora das Dores, se não queria entrar na relação de compra de um bilhete da loteria em benefício de uma capela em honra a Nossa Senhora das Dores. A pergunta, quanto custava o bilhete, respondeu a zeladora: dois mil réis, e se Ela apoiar a lembrança dê o bilhete premiado. Pois bem, se quiser pode comprá-lo, retrucou o padre. À tarde o bilhete saiu premiado com oito contos. Esta quantia foi emprestada a diversos comerciantes, pessoas conhecidas e amigas do sacerdote de forma que, em 1929, apresentou o avultado capital de oitenta contos de réis.

OS CONSTRUTORES

Frei Odilon Gelhaus e Frei Lucas Vonnegut foram os dois grandes construtores do templo e do convento. O primeiro não pôde concluí-los por motivos de saúde. Ainda nos inícios da construção, frei Odilon morava gentilmente na residência dos Frades Capuchinhos da Província Lombarda. Foi contemporâneo de Frei

Marcelino de Milão, frei Silvério, frei Mansueto, frei Cyrilo, frei Bernardo de Viçosa, frei João Maria.

Faleceu em 22 de janeiro de 1930, aos 59 anos de idade, estando sepultado no Cemitério de São João Batista, em sepultura de 1º plano cedida pelos frades capuchinhos.

Aos 25 do mesmo mês e ano chegava a Fortaleza, para continuar as obras, frei Lucas Vonnegut, no dizer de Pedro Cruz, que conheceu, exemplo de perfeito discípulo do “poverello de Assis”. Veio de Canindé, onde era superior interino do convento.

No Livro de Tombo n. 01 acha-se registrado: “Digna de encômio foi a dedicação da população de Otávio Bonfim que, generosamente, se incumbiu de carregar areia, à noite, até a altura interior da sapata, sendo mais ou menos 50m2 de enchimento”.

Depois se diz que o povo não é bom... “Cooperou também com um mil réis mensais para aquisição de bancos para a igreja”.

OUTRAS OFERTAS

A prova disso são também as doações de fiéis. A porta principal da igreja, por exemplo, foi oferta de Da. Ângela Valente. Em lembrança de sua sobrinha D. Ana Valente, mandou vir da Itália a imagem de Nossa Senhora das Dores. O Sr. Joaquim Antonio Albano, sobrinho do falecido D. Xysto Albano, em pagamento de uma promessa, faria construir uma capela em honra de Nossa Senhora de Lourdes, no Alagadiço. Não podendo, no entanto, concretizá-la, em razão de motivos particulares e superiores, ofereceu o ladrilho mosaicado para toda a igreja, bem assim os degraus de marmorite do presbitério, da mesa da comunhão e dos altares laterais. Ofereceu ainda o harmônio e saiu irmã Lili uma cômoda para a sacristia.

O Sra. Alfredo Salgado, filha de Sra. Virgínia Salgado, iniciadora também da igreja em virtude da compra do bilhete, fez a valiosa oferta de sete vitrais em cores, representando as sete Dores de Nossa Senhora. Custaram dez contos de réis e foram desenhados e fabricados no atelier do Sr. Henrique Moser, residente no Recife. Hoje, um desses vitrais foi quebrado por força de bolas jogadas por alunos do Colégio Pe. Champagnat, e substituído por material inferior, em razão do elevado custeio da reposição.

A FESTA DA BENÇÃO

Também não se há de esquecer a memorável festa da bênção da Igreja de N. Sra. das Dores. Os que assistiram ao lançamento da pedra fundamental, no ano anterior, sob uma manhã chuvosa de março, são os mesmos que agora se aglomeram no interior da pequenina capela. É o dia 13 de junho de 1930. dia de Santo Antônio, igualmente como São Francisco, santos de grande predileção dos cearenses. Aliás, estes dois grandes taumaturgos, são as vigas mestras que sustentam e edificaram aquele grande templo católico. Todo o esforço, todo o

trabalho, toda a imensa obra construída ao longo dos anos, fez-se sob a inspiração e a fé do filho de Assis e o de Lisboa. Pois bem, naquele dia, com a igreja repleta, houve a bênção solene das Dores. Monsenhor Antônio Braga, acolitado pelo também Monsenhor Liberato Dionysio da Costa, foi o oficiante. Como lembrança da grande data, o Cel. Antônio Porto ofereceu uma âmbula grande de prata dourada, no valor de 500\$000 réis.

Já a imagem da padroeira, mandada vir da Itália pelo Monsenhor Liberato, foi introduzida e benta no dia **15 de setembro** daquele ano, **Festa de Nossa Senhora das Dores**. A igreja, como da vez anterior, estava literalmente cheia. O doador foi o oficiante também dessa cerimônia.

Em novembro, Frei Lucas Vonnegut, continuador da obra de Frei Odilon, era nomeado superior da residência de Fortaleza.

UM PARÊNTESES

Aqui, abre-se um parêntesis para uma justa observação: – no capítulo anterior, na parte referente ao contrato de construção da igreja, assinado entre a firma Odebrecht e o Arcebispo, representada a primeira pelo srs. Armando da Paixão Carneiro Campelo e João Ignácio Cabral de Vasconcellos, responsáveis pela construção do novo templo, deixou de ser citado o nome do arquiteto licenciado, hoje octagenário, José Barros Maia, conhecido popularmente por Mainha, residente na rua Senador Pompeu, nº 988. Foi este senhor o responsável pela confecção da planta da Igreja das Dores. Cartão de visita em seu poder, do punho do escritor e assinado pelo engenheiro Campello no qual cobrava de Mainha a planta da igreja do Alagadiço o comprova, isto porque se chamava, àquela região das circunvizinhanças, de Alagadiço e também “cercado do Zé do padre”. Fica assim feito o devido registro.

Fechado o parêntesis que se impunha à história, continuemos avançando.

No ano de 32, por ocasião das festas comemorativas do sétimo centenário da morte de Santo Antônio, o Arcebispo D. Manoel autorizava, atendendo a requerimento do Superior, a fundação, na Igreja das Dores, da Pia União de Santo Antônio (Pão dos Pobres) que tantos benefícios há espargido pela população pobre do bairro.

Atualmente, cem famílias, aproximadamente quinhentas pessoas, são assistidas, semanalmente, com a distribuição de pães e de mantimentos, pela Pia União. Uma lista de pessoas sabidamente carentes foi levantada pelos vários grupos de ação social existentes na paróquia, com o fim de impedir a ação dos aproveitadores, dos falsos mendigos et caterva.

Outras Associações e Irmandades, como a do Apostolado da Oração e a Conferência de S. Vicente de Paulo são anteriores à própria igreja das Dores, tendo sido criadas ainda ao tempo da capela de São Sebastião, como é o caso do Apostolado da Oração criado a 15 de agosto de 1924, pelo Padre Gumercindo Sampaio, e da Conferência Vicentina que o precedeu, pois foi instalada em 23 de novembro de ano anterior, sendo a sessão presidida pelo mesmo Padre

Gumercindo e pelo Barão de Studart, secretariada pelos confrades Antonio Paulino Delfim e Henrique Júnior.

A BÊNÇÃO DOS SINOS E ALTAR-MOR

No dia 18 de novembro de 1932, às 8 horas de uma manhã de domingo, ia dar-se a bênção dos sinos e do altar-mor. D. Manoel da Silva Gomes, o oficiante. A igreja cheia. Entre outros religiosos que o acolitariam, serviram de paraninfos Mons. Liberato Dionysio da Costa, Cel. Juvenal de Carvalho, Dr. José Leite Gondim, Manoel dos Santos, Joaquim Antonio Viana Albano, Francisco Ângelo, Antonio Diogo de Siqueira, Eurico Salgado, Ângelo Ratacasso, Cel. Antonio de Matos Porto, e mais alguns não nomeados.

“O Exmo. Sr. Cel. Juvenal de Carvalho e sua Exma. consorte, D. Maria Joana Carvalho – assim consta no Livro da Crônica – foram os generosos donatários do altar-mor de mármore, desenhado pelo Sr. Joel Vasconcellos, desenhista da empresa Odebrecht e executado nas oficinas da marmoraria Gondim, na rua Barão do Rio Branco, pelo valor de 15 contos de réis. Operários que fabricaram – Heitor Marques e Antonio José Alves. Na pedra d’ara do altar foram depositadas relíquias de S. Maurício, S. Clemente, S. Victor, S. Nazário e Santa Theodora”. Este valioso altar já não existe mais. Cedeu lugar à voragem das mudanças, do novo.

Foi, ao que dizem, retirado à força das picaretas. Construído um novo altar-mor, por ocasião da reforma da igreja “– extraordinariamente imponente – um rochedo colossal encimado da Santa Cruz do Divino Crucificado e a imagem de N. Sra. das Dores, excelsa padroeira, aos pés de Jesus”, este por sua vez cedeu lugar a um novo e terceiro altar-mor. Assim diz o livro na parte referente ao ano de 1967: “Foram concluídos os trabalhos da capela-mor com a demolição do altar-mor e colocado um altar de madeira com ferro, revestido de fórmica e assim, de agora em diante, as missas só poderão ser celebradas na capela, mas voltadas de frente para o povo”.

Do altar primitivo, nem notícia. Do segundo “extraordinariamente, imponente, um rochedo colossal...” nada se sabe. O terceiro está lá, de fórmica e de madeira envernizada, como convém à Igreja dos pobres...

OS SINOS

Os sinos da Igreja das Dores vieram da Alemanha, por intermédio da firma então existente nesta praça, Saunders, Barbosa & Cia., e receberam os nomes de São Sebastião, o médio, de N. S. das Dores, o maior; e de São José, o menor, o que não é demérito algum para o santo padroeiro do Ceará, sabido que, pela lei de seu Filho, os últimos serão os primeiros, e os menores os maiores no reino de Deus...

Após a solenidade da bênção dos sinos e da consagração do altar-mor, houve missa cantada, sendo oficiante o Ver. Frei Lucas. O coro do Seminário fez-se ouvir. E naquele dia sem dúvida, todos saíram edificadas. O POVO, na edição de 24.03.31, anunciava a chegada dos sinos.

COMO NASCEU UM CINEMA

Quem foi criança e jovem por certo compareceu muitas vezes às sessões cinematográficas do Cine Familiar, na Praça Otávio Bonfim. Os da minha geração, fomos.

O Cine Familiar, fundado pelo frei Leopoldo, surgiu para fazer oposição e contrabalançar os malefícios decorrentes da apresentação de fitas a cargo do Cine Odeon, que funcionava em área defronte onde hoje se localiza a Delegacia do 3º Distrito Policial. O Cine Odeon era de propriedade de José Marcelino, àquela época marchante, e que funcionava o seu cinema sem dar grande “bolas” para a moral e os bons costumes, ditados pela censura do jornal O Nordeste.

Frei Leopoldo diz, em registro: “Em dezembro de 1935, resolvi construir, ao lado da Igreja, no parque dos meninos, um pavilhão aberto para nele ser ensinado o catecismo. Ao mesmo tempo adquiri um velho aparelho de cinema, fora de uso, e quase de graça, dando apenas um pequeno aparelho de projeção fixa em troca. Era minha intenção dar, de vez em quando, uma pequena sessão cinematográfica para os meninos do catecismo. Vendo grande interesse do povo e notando ao mesmo tempo que um cinema vizinho passava todas as fitas, mesmo as condenadas pela censura católica, resolvi dar sessões semanais.

Consertei o aparelho, um tanto avariado, o melhor possível e comecei. O resultado foi satisfatório. Em dezembro de 1936, na ocasião da visita canônica, combinei com o Rev. Pe. Provincial de que o dinheiro do cinema fosse aplicado à pobreza. O Sr. Miguel Rosendo daria dinheiro e mantimentos mediante vales despachados por mim e pelo Sr. José Alexandre, presidente dos vicentinos, entre pessoas idosas. No fim de cada mês resgataria esses vales com o dinheiro do cinema. Em agosto de 1937 adquiri um aparelho já usado para tornar o cinema falado, da mão do Pe. Luis Braga, por 7.000\$000, montado aqui e funcionando. O dinheiro foi dado, parte por pessoas amigas da cidade, parte do saldo de cada mês. Era um cinema falado, funcionando até bem, mas só na minha mão, por ser muito complicado. Recebendo, às vezes, pessoas “endinheiradas” da cidade, em visita, as mesmas achavam tudo muito trabalhoso, para mim, muito quente na cabine e acharam de bom alvitre em comprar um aparelho moderno, novo, bom, prometendo dar o dinheiro. Combinei, “exigindo” porém, antes de fazer a encomenda, o dinheiro. Aos poucos vinha recebendo os donativos para esse fim. (...) Lá passam fitas aprovadas pela Censura de O Nordeste”.

A PRAÇA DE OTÁVIO BONFIM

Por essa época, a Praça fronteira era um imenso areal, cuja travessia incomodava muita gente. Chamava-se Praça dos Libertadores. Ganhou a denominação que hoje ostenta, de Praça de Otávio Bonfim, ao ser inaugurada no final do mês de maio do ano de 1941, na gestão do Prefeito Alencar Araripe, quando foi transformada a área, com a plantação de canteiros, construção de passeio e iluminada com lâmpadas elétricas.

A 1ª TREZENA DE SANTO ANTÔNIO

Logo no dia **1º de junho** daquele ano de 41 em plena efervescência da II Guerra Mundial, realizava a Igreja das Dores, a 1ª Trezena de Santo Antônio com assistência de grande número de fiéis. Foi encerrada com missa solene e sermão, e com uma procissão de lírios – símbolo da pureza – e uma bênção. No dia 15 daquele mês e ano, festejava-se também o 10º aniversário de fundação da Ordem III de São Francisco. Houve missa solene com sermão e, à tarde, uma sessão também solene no salão paroquial com o comparecimento de irmãos e irmãs da Ordem III do Sagrado Coração de Jesus.

Hoje, as primeiras festas da paróquia são as de Santo Antônio, precedidas da tradicional **Trezena, de 01 a 13 de junho; a de São Francisco, no dia 4 de outubro**, também precedida de uma novena, e a festa da padroeira, Nossa Senhora das Dores, em meados de setembro (tríduo).

A VIAGEM DE FREI LUCAS

Para os que o conheceram e amaram, aquele dia foi de muita tristeza e muita saudade. Ia embora para o Amazonas – talvez para não voltar, pensavam os amigos – Frei Lucas Vonnegut, grande edificador da Casa de Deus. No dia 03 de novembro de 1941 embarcava, a pedido do Pe. Provincial, para o longínquo Amazonas com a missão de pregar, como grande orador sacro, nos conventos da Ordem, os retiros anuais. Mais tarde foi incumbido, pelo mesmo Provincial, de fazer, em seu nome, a visita canônica.

Terminada a tarefa – e aí defrontamo-nos com a grande e divina missão do apóstolo – não voltou para o Ceará imediatamente, mas dedicou-se de corpo e alma à pregação de retiros e missões ao povo daquelas vastíssimas e esquecidas regiões. Em consequência, ao retornar ao convento em 1947, Frei Lucas trazia as marcas que só os discípulos de Cristo ostentam: a doença e o sofrimento. Sofria de impaludismo, e, por último, abriu-se-lhe uma antiga ferida na perna que há muito o incomodava.

Esteve também em João Pessoa, para onde foi transferido em 1948. Faleceu aos 78 anos de idade, no dia 08 de outubro de 1955, após contar 60 anos de vida religiosa e 53 de sacerdote.

UM HIATO DE SETE ANOS

Havendo um hiato de sete anos nos livros de tombo e crônicas da paróquia, pois de 1952 – ano em que Frei Lucas festejou suas bodas de ouro sacerdotais – só vai aparecer assentamento em 1959 –, passemos à construção e inauguração da Casa de Santo Antônio, no lado leste do convento, dentro os mesmos padrões arquitetônicos do Cine Familiar.

A pedra fundamental foi lançada por ocasião das festas de São Francisco, no dia 04.01.58. O dinheiro para a obra adveio de esmolas, de listas, dos cofres da igreja, e de uma grande rifa. Foi inaugurada em 13.06.59, por D. Exedito Eduardo de Oliveira, que presidiu a solenidade em nome do Arcebispo. Entre os

presentes Da. Olga Barroso. Frei Hildebrando Kluthaup, fundador e construtor da Casa de Santo Antônio, benzeu a obra.

Hoje, funciona como centro de reuniões dos vários movimentos da paróquia e como coadjutor dos trabalhos de assistência social a cargo da freguesia. Antes possuía um pequeno palco, onde se davam modestas representações teatrais.

REFORMA DA IGREJA

O ano de sessenta marca o início da ampliação e reforma da Igreja. Os novos alicerces foram lançados, invadindo o quintal do convento, atrás do altar-mor.

“As paredes subiram depressa e depois de alguns meses fez-se a primeira placa de cimento armado. O convento ia receber também um aumento atrás do novo altar-mor e também o claustro que existia até então somente pela metade.

Trabalhava-se com verdadeiro afã. Todo o material, massa e tijolos, era transportado na cabeça. Em setembro começaram a fundir as colunas e o arco colossal do altar-mor e, no segundo andar, viam-se as formas rudes do futuro oratório, da biblioteca e de dias grandes celas. Finalmente, subiram as tesouras e se fez o telhado. (...) A nova parte da igreja estava coberta e começaram a demolição do coro da igreja antiga. Por esta razão, a “Casa de Santo Antônio” se tornou capela de Santo Antônio, de meados de outubro de 1960 a 11.12.60.

Arcos monásticos no convento. As colunas receberam nova capa de marmorite e apareceram também os altares laterais de São Francisco, Santo Antônio, Sagrado Coração de Jesus e São José (...) No dia 11.12.60 inaugurou-se a nova igreja. O Rev. Pe. Guardiã frei Hildebrando cantou a missa solene às 7 h”.

Os altares foram oferta dos snrs. José Pontes, Alberto Machado da Ponte, do deputado José Macedo, hoje senador e Miguel Arcanjo Gomes.

Nos anos imediatamente subsequente à grande reforma, algumas aquisições de material foram feitas para a igreja, como passadeiras, amplificadores, aspirador de pó, lâmpadas fluorescentes, etc. enquanto o convento por algumas remodelações internas, no refeitório, no claustro superior, nas celas, com nova pintura, na portaria, com a construção de dois parlatórios e mais uma salinha de confissão para surdos. A biblioteca, que encontrou grande protetor em frei Lucas, foi reorganizada por frei Boaventura.

Terminava a 1ª fase do Concílio Vaticano II. A Igreja preparava-se para ingressar numa revolução ainda hoje em curso. Entre outras mudanças, a missa seria celebrada em português com o padre de frente para o público. Por esta razão, em fins de 62, quando se encerrava aquela fase conciliar, o Sr. José Carneiro oferecia a importância de duzentos mil cruzeiros para a feitura de um novo altar-mor, de madeira – o atual.

RELÍQUIAS DO CONVENTO

Acham-se registrados no Livro da Crônica do Convento e da Igreja, com reprodução em latim, os termos da doação e da autenticidade, firmada por autoridade eclesiástica sobre o valor do que se oferecia para servir de proteção ao Convento de Otávio Bonfim; relíquias do Seráfico Pai São Francisco, de Santa Clara, de Santo Antônio e Relíquia do Santo Lenho.

Estando assim bem protegido nos seus fundamentos, e sob a invocação da padroeira das Dores, e do exemplo edificante dos que combateram o bom combate de São Paulo, muito ainda se espera dos que hoje trazem ou receberam a candeia de Cristo nas mãos.

O FIM DO CINE FAMILIAR

O Cine Familiar representava, como vimos, à semelhança de outras obras, uma ação supletiva da igreja no setor social. Ninguém desconhece o papel que a Igreja Católica exerceu no país, ao longo de sua história, no campo cultural e educacional. Nos primórdios da colonização, por exemplo, todo o saber oficial emanava da ação dos missionários que implantaram igrejas, mas lançaram a semente das futuras escolas, colégios e seminários. Ao lado da igreja, primitiva, a céu aberto, ou simples capelinha, não esqueceram de reservar lugar para a obra social prestes a fortalecer-se. E assim, de céu aberto s tapera, de tapera a casa, de casa a edifício, nasceu ao lado da igreja a paróquia – conjunto de obras sociais e de movimentos leigos que se ligam, direta ou indiretamente, à igreja-matriz. Os fundamentos, porém, estão lá, nos Anchietas e nos Nóbregas.

O Cine Familiar era, portanto, uma extensão moderna da ação missionária da igreja dos primeiros dias; um prolongamento, uma etapa mais avançada, mas a semente a mesma do principio. Exercia um papel e tinha uma missão a desempenhar agora com maior ênfase: – defender o bom cinema, funcionando como fiel da balança no meio despolicado e tão só comercializado do cabotismo cinematográfico.

Simplemente fechou, depois de haver-se tornado árvore ou empresa, com empregados e até relógio de ponto e anúncio luminoso na frente... Prejuízos, foi o motivo alegado para tanto.

Vejamos o que se diz sobre o final melancólico da obra de frei Leopoldo: Ano 1968 – “A primeira providência tomada pelo novo superior foi o de fechar o “Cine Familiar” por exigência do Pe. Provincial, pois, já não dava mais renda, mas, ao contrário, só prejuízos e problemas. Estava como peso morto e desnecessário. Mas para isso foi preciso que pagássemos a quantia de quatro mil cruzeiros novos ao empregados em indenização”.

RIBEIRO ACABOU O RESTO

Em 1970, com permissão do Pe. Provincial, foi aberta concorrência pública para arrendamento do Cine Familiar. A empresa Severiano Ribeiro saiu vencedora. As negociações prosseguiram até a fase final de assinatura do contrato. “Mas

depois a Companhia mostrou-se desinteressada, não começando os trabalhos de recuperação do prédio no tempo previsto. Depois comunicaram que não desejavam mais prosseguir nas negociações. Parece-nos que queriam apenas afastar os outros concorrentes”.e prossegue o cronista: “Como uma das cláusulas do contrato seria a retirada da quadra esportiva de perto do Cine, frei Lauro iniciou a construção de uma nova quadra (a atual, informamos), na parte do terreno que forma esquina com a rua D. Jerônimo e Domingos Olímpio.

Comprou o motor e o gerador do Cine (Cr\$ 4.000,00). Outros recursos vieram do comércio e da SUMOV (planta, mão-de-obra e parte do material)”.

Em agosto de 1971, o prédio do antigo “Cine Familiar” era alugado à direção do Colégio Técnico Comercial Pe. Champagnat por seiscentos cruzeiros ao mês. Para transformar o antigo cinema em escola foram feitas as indispensáveis adaptações e, já no final de agosto daquele anos, as aulas eram iniciadas.

As cadeiras foram vendidas aos padres redentoristas de Porangabussu, por três mil cruzeiros – o que serviu para saldar uma velha dívida junto à Prefeitura, pelo asfaltamento da rua Justiniano de Serpa, no trecho ao longo da ala leste do convento, onde se situa a Casa de Santo Antônio.

E assim terminou a última sessão do Cine Familiar, de saudosa memória...

A PARÓQUIA

Em 20.09.1963, D. José de Medeiros Delgado, através do Decreto nº 02, criava a Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em Otávio Bonfim.

Até a presente data, conheceu 4 vigários, contando com: Frei Felício Arruda Guimarães – 11.10.1964 a 18.06.1968; Frei José Ivan Carneiro – 18.06.1968 a 11.02.1979; **Frei Hermano Wiggenhorn (atual Pároco)** de 11.02.1979 a 23.12.1979 e Frei Fernando Schnither, que tomou posse naquele mesmo dia. A Paróquia de N. S. das Dores, apesar de criada em setembro de 1963, como se viu, somente foi instalada, com a posse do 1º vigário, decorrido mais de um ano, uma vez que somente foi empossado em outubro de 1964.

Texto: Frei Arnaldo Motta e Sá